

Ano 20 • Número 22 • 04 de junho de 2018

As lições de mercado com a paralisação dos caminhoneiros

Recuperação lenta e paralisações levam à queda nas projeções de PIB

Confiança da indústria gaúcha cai com menor otimismo na economia

Produção industrial cresceu em abril, mas expectativas pioraram

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO RIO GRANDE DO SUL

Av. Assis Brasil, 8787 Fone: (051) 3347.8731 Fax: (051) 3347.8795

UNIDADE DE ESTUDOS ECONÔMICOS

www.fiergs.org.br/economia

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista desta Federação. É permitida a reprodução deste texto e dos dados contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

As lições de mercado com a paralisação dos caminhoneiros

O mecanismo de preços talvez seja o meio de comunicação mais eficiente inventado pela humanidade. Os preços funcionam como indicadores de escassez relativa de determinado bem ou serviço. A partir de uma relação de trocas, o mercado é capaz transportar a informação sobre a abundância (ou escassez) de um bem para os diversos agentes da economia. Quando se estabelece o preço de algum bem no mercado, uma informação é passada para produtores, consumidores, concorrentes, produtores de bens complementares e de bens substitutos. Esse processo ocorre bilhões de vezes ao dia, entre bilhões de agentes econômicos em milhares de mercados. Esse mecanismo, impossível de ser reproduzido artificialmente, regula os excessos de demanda e oferta em cada mercado, produzindo um equilíbrio eficiente.

Conforme mostramos no Informe da semana passada (28/05), existe um excesso de oferta de caminhões em comparação com a demanda no mercado de transportes, o que leva à queda no preço dos fretes. O mecanismo de preços está sinalizando que, para o atual nível de atividade econômica, existe um excesso de oferta. Fixar o preço dos fretes artificialmente gera ineficiência econômica, e o custo do aumento na margem de lucro no frete será pago pelo resto da sociedade.

A dificuldade de compreensão desse mecanismo está presente também no debate sobre o repasse para o

preço final do Diesel. Os gestores de postos de combustíveis, quando fixam seus preços, não olham somente para os custos, mas também para o comportamento dos consumidores. Todos sabem que a demanda por combustíveis é inelástica, o que significa que as variações nos preços não são acompanhadas por variações da mesma magnitude nas quantidades consumidas. Desse modo, sob a estrutura de mercado em que os postos de combustíveis operam, não repassar integralmente a redução do custo para o preço final pode ser a melhor decisão do ponto de vista da empresa.

Existem bons argumentos contra a política de reajustes frequentes da Petrobras e contra o comportamento dos gestores de postos de combustíveis. No caso de falhas de mercado, cabe ao governo estudar as suas causas e consequências antes de intervir. Problemas complexos não podem ser tratados com soluções simplistas, como o tabelamento de preços.

O CADE definiu uma agenda de medidas que poderiam ser adotadas para que se consiga uma maior concorrência no mercado¹. O assunto é complexo e a resposta do Governo, diante da crise gerada pela paralisação, buscou atender a demanda dos caminhoneiros através de uma medida elementar, mas que não resolve o problema.

¹ <http://www.cade.gov.br/noticias/cade-apresenta-propostas-para-o-setor-de-combustiveis>

Recuperação lenta e paralisações levam à queda nas projeções de PIB

O resultado das Contas Nacionais no primeiro trimestre de 2018 aponta para uma recuperação mais lenta do que o esperado. O PIB do Brasil cresceu 0,4% nos três primeiros meses de 2018 em relação aos últimos três meses de 2017, na série com ajuste sazonal. Foi o quinto resultado positivo nesta base. Por outro lado, a indústria de transformação apresentou a primeira queda na passagem trimestral, após avançar em todos os trimestres de 2017, fazendo sua participação cair para 10,6% do valor adicionado e 9,0% do PIB, os menores patamares da série histórica do IBGE iniciada em 1996.

Na comparação com o primeiro trimestre do ano anterior houve crescimento de 1,2%, uma desaceleração frente ao crescimento de 2,1% observado no quarto trimestre de 2017. O desempenho foi 0,3 ponto percentual abaixo do que o mercado esperava. Pela ótica da oferta, o destaque negativo veio da Agropecuária com queda de 2,6% na comparação com o primeiro trimestre de 2017, resultado influenciado pela elevada base de comparação em função da supersafra do ano passado. Na Indústria (+1,6%), o terceiro resultado positivo consecutivo da Transformação (+4,0%) contrasta com a décima sexta queda seguida da Construção (-2,2%), que é o setor mais afetado. Tanto a construção de edificações, quanto

as obras de infraestrutura ainda sofrem com a crise. Atualmente, o PIB da Construção está 22,8% abaixo do primeiro trimestre de 2014.

Pela ótica da demanda, o setor externo contribuiu negativamente, com as importações e exportações crescendo 7,7% e 6,0%, respectivamente, frente ao primeiro trimestre de 2017. Pelo lado da absorção doméstica, o destaque positivo veio da Formação bruta de capital fixo (investimentos), com crescimento de 3,5%, o segundo resultado positivo após quatorze trimestres seguidos de queda. Ademais, o consumo das famílias manteve a trajetória de recuperação com avanço de 2,8%, a quarta elevação consecutiva e a maior taxa desde o quarto trimestre de 2014. Por fim, o consumo da administração pública caiu 0,8%, a quinta retração consecutiva nessa base.

Em que pese o ritmo mais lento do que o esperado, a recuperação cíclica da economia brasileira está em curso, puxada pelo consumo das famílias. A paralisação dos caminhoneiros deve afetar o desempenho do PIB no segundo trimestre, e as expectativas de mercado para o ano já foram revisadas para baixo. Há quatro semanas o mercado projetava um crescimento de 2,7%, no Relatório Focus do dia 01/06/18 essa previsão caiu para 2018 para 2,18%.

Confiança da indústria gaúcha cai com menor otimismo na economia

O Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI), calculado pela FIERGS, recuou em maio 2,8 pontos em relação a abril, atingindo 56,6 pontos. Essa foi a segunda queda seguida e a maior desde junho de 2017, levando o índice ao menor patamar desde setembro do ano passado. Apesar disso, o indicador continuou acima de 50 pontos, o que sinaliza confiança.

O ICEI/RS em maio refletiu a retração de seus dois componentes: as condições atuais e as expectativas em relação aos últimos e aos próximos seis meses.

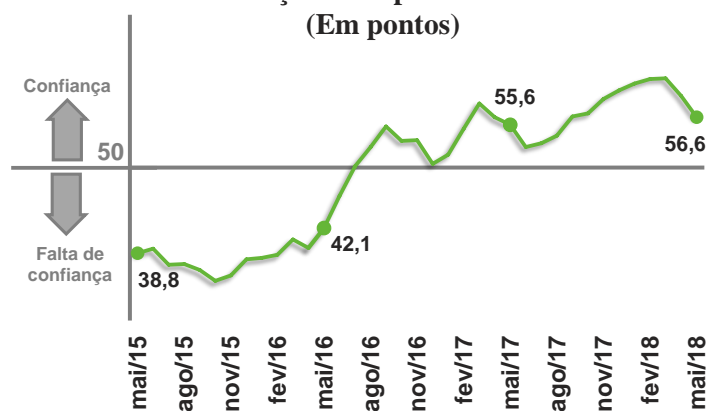
O Índice de Condições Atuais (ICA) em maio foi de 53,8 pontos, o que significa melhora, mas 1,3 ponto ante menor abril. Foram sobre a economia do país que recaíram as reavaliações mais significativas. O Índice de Condições da Economia Brasileira (ICA-EB) caiu de 54,9 em abril para 50,7 pontos em maio, no limite do campo positivo e no menor patamar desde setembro do ano passado. Já o Índice de Condições Atuais das empresas (ICA-E) foi de 55,4 pontos, mesmo de abril.

As perspectivas dos empresários gaúchos também recuaram em maio de 2018, exercendo a maior influência na redução da confiança. Ainda assim, com o índice em 57,9 pontos, 3,7 a menos do que abril, seguiram majoritariamente otimistas. O otimismo com o desempenho futuro da economia brasileira diminuiu. O Índice de Expectativas da Economia Brasileira (IE-EB), que foi de 53,4 pontos em maio, recuou 3,5 pontos ante abril. As expectativas de melhora em relação às

próprias empresas também vêm caindo, com o índice em 60,5 pontos em maio (de 64,2 em abril).

A confiança industrial gaúcha iniciou o último ciclo de alta na metade de 2017, com a melhora contínua das avaliações sobre o presente e o futuro da economia, num cenário de queda dos juros e da inflação, de retomada da demanda e do emprego e de perspectivas de reformas. Porém, a paralisação da Reforma da Previdência interrompeu a sequência de altas em março. O ritmo menor do que o esperado da atividade econômica, o aumento da incerteza política e o quadro externo mais instável afetaram o otimismo dos empresários nos dois meses seguintes. Vale ressaltar que o impacto da greve dos caminhoneiros não foi captado pela pesquisa e deve reduzir ainda mais a confiança nos próximos meses.

Índice de Confiança do Empresário Industrial do RS (Em pontos)



Fonte: FIERGS.

Produção industrial cresceu em abril, mas expectativas pioraram

A Sondagem Industriais do RS de abril de 2018, realizada pela FIERGS, mostrou que, apesar da produção maior e da ausência de estoques excedentes, o setor ficou menos otimista e já projeta demissões.

A produção e o emprego da indústria gaúcha cresceram em abril relativamente a março, contrariando o comportamento normal do período. O indicador de produção foi de 51,3 pontos e o de emprego de 50,9 pontos. Ambos não ultrapassavam a linha de 50 pontos, que denota crescimento ante o mês anterior, desde 2013 nos meses de abril. Nos dois casos, a Sexta-feira Santa em março teve influência importante.

A Sondagem também mostrou que a utilização da capacidade instalada (UCI) ficou em 69,0% em abril, a mesma de março, mas foi 1,5 p.p. abaixo do nível médio histórico para o mês, fato confirmado pelo indicador relativo à UCI usual, que considera o nível comum para o mês, em 45,6 pontos. Abaixo dos 50 pontos, esse indicador revela que o nível de UCI foi inferior ao normal para o mês de abril.

O indicador de evolução dos estoques foi de 51,9 pontos em abril, mostrando crescimento em relação a março. Apesar do aumento, o indicador de estoques planejados chegou a 50,4 pontos no mês. Resultados próximos dos 50 pontos indicam estoques no nível

planejado pelas empresas.

Se o cenário de recuperação da atividade industrial pouco se alterou em abril, houve mudanças nas expectativas dos empresários para os próximos seis meses, que sofreram uma forte revisão para baixo, mesmo sem captar a greve dos caminhoneiros. O destaque negativo foi o indicador de emprego que, em maio, pela primeira vez no ano, projetou queda: 49,1 pontos. Os demais indicadores de expectativas se reduziram na passagem de abril para maio, mas continuaram acima dos 50 pontos, mantendo, portanto, as perspectivas de crescimento: o de expectativa de demanda caiu de 60,2 para 57,0 pontos, o de exportações de 59,6 para 56,9 pontos, e o de compras de insumos e matérias-primas, de 58,1 para 54,3 pontos.

Nesse cenário, a intenção de investir também sofreu uma correção para baixo. Depois de atingir o maior valor em quatro anos no último mês de abril, o indicador de intenção de investimento caiu 4,2 pontos em maio e ficou em 53,1. O indicador varia de zero a cem pontos. Quanto menor o índice, menor é a propensão para o investimento. Acima de 50 pontos, o índice mostrou que em maio prevaleceu, entre os empresários gaúchos, a intenção de investir: 54,8%. Mas, em abril, esse percentual era de 59,8%.